

DF- EDUCAÇÃO

Divididos, docentes decidem, em assembléia, pela paralisação. GDF chegou a liberar o pagamento atrasado dos dias parados no movimento de 2004, mas não houve acordo. Impasse prejudica 600 mil alunos

Professores entram em greve

Fotos: Carlos Vieira/CB

HELENA MADER
DA EQUIPE DO CORREIO

Em uma decisão apertada, os professores entraram em greve ontem por tempo indeterminado. A assembléia geral, realizada pela manhã no estacionamento do ginásio Mané Garrincha, ressaltou as divergências entre os docentes da rede pública de ensino do Distrito Federal. Divididos, pouco mais da metade dos presentes votou contra a paralisação. Os educadores que se manifestaram contra a greve prometem, entretanto, aderir ao movimento.

Em uma última tentativa de negociação, o Governo do Distrito Federal (GDF) liberou, até a véspera da assembléia, mais de R\$ 11 milhões para o pagamento atrasado dos dias parados na greve do ano passado, e para o acerto de aposentadorias de servidores da educação. O Sindicato dos Professores (Sinpro) garante que a greve será mantida até que o GDF negocie a extensa pauta de reivindicações da categoria (*leia quadro ao lado*). O governo, por sua vez, garante que não vai negociar enquanto os professores estiverem parados. O impasse deve prejudicar mais de 600 mil estudantes que ficarão sem aulas, caso a adesão à greve seja maciça.

A governadora em exercício, Maria de Lourdes Abadia, reuniu-se ontem à tarde com as secretarias de Educação, Maristela Neves, de Gestão Administrativa, Cecília Landim, e de Assuntos Sindicais, Dulce Tannuri, e com o secretário de Planejamento, Ricardo Penna. A governadora decretou que as negociações com os professores estão encerradas. "O governo espera que a greve tenha pouca adesão. E vai seguir os procedimentos padrões, como o corte do ponto dos grevistas", explica o porta-voz do GDF, Paulo Fona.

Antônio Lisboa, diretor do Sinpro, atribui a divisão da categoria "ao medo de ficar sem salários". Mas ele não acredita que as divergências entre os professores possam prejudicar o movimento. "Mesmo quem votou contra a greve aderiu à paralisação e se comprometeu a manter a unidade da categoria." Três mil pessoas participaram da assembléia, de acordo com a Polícia Militar (dez mil, para o Sindicato dos Professores). Na rede pública, existem aproximadamente 30 mil professores.

Divisão

Entre os docentes, houve muita discordância. Os argumentos contra e a favor tomaram conta das discussões durante a assembléia. A professora Lívia Britto, 37, trabalha na rede pública de ensino há 19 anos. Docente do Centro de Ensino Infantil 1, no Paranoá, ela votou contra a paralisação porque teme o corte do ponto dos grevistas. "A categoria já passa por muitas dificuldades. Nas últimas greves, precisei pedir em-



O SINPRO COMEMOROU A ADESÃO DOS DOCENTES À ASSEMBLÉIA: DEZ MIL PESSOAS FORAM AO MANÉ GARRINCHA, SEGUNDO CÁLCULO DO SINDICATO

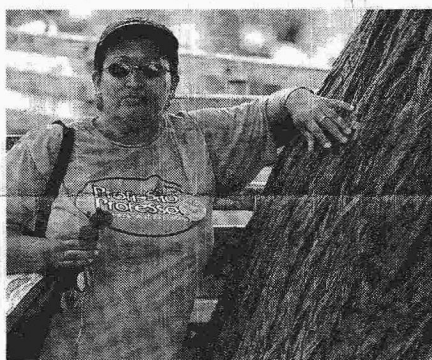
CATEGORIA DIVIDIDA



CONTRA

"A greve é por motivos justos. Mas nós professores já enfrentamos muitas necessidades e não podemos ter o ponto cortado. Nas últimas greves, tive que pedir empréstimos no Banco de Brasília para conseguir arcar com meus compromissos. Apesar de ser contra, vou seguir a decisão da maioria."

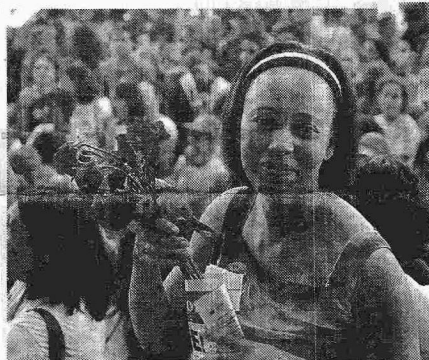
Márcia Sousa, 30 anos, professora do Centro de Ensino Infantil do Paranoá



ABSTENÇÃO

"Ouvi todos os argumentos e acredito que as razões para a greve são justas. Mas não quis votar a favor da paralisação porque pago aluguel e também meu curso de pós-graduação, todos os meses. E não posso ter meu ponto cortado. Na dúvida, preferi me abster."

Vânia Fonseca, 35 anos, professora do Centro de Ensino Especial do Setor O



A FAVOR

"Ninguém gosta de fazer greve, porque a paralisação prejudica os alunos. Mas não há outra saída para alcançarmos nosso reajuste salarial. A categoria tentou negociar com o governo por diversas vezes, mas o GDF não cedeu em nenhum ponto. A greve é a única forma de forçar a negociação."

Luciana Martins, 36 anos, professora da Escola Classe 5, de Brazlândia

préstimos em bancos para conseguir pagar minhas contas", justifica Lívia Britto. A professora Luciana Martins, 36, da Escola Classe 5, em Brazlândia, votou a favor do movimento. Ela garante que vai passar dificuldades com o corte do ponto, mas acredita que a decisão vai forçar o governo a negociar a pauta de reivindicações.

Vários parlamentares apoiaram o movimento da categoria. Todos os distritais da bancada do Partido dos Trabalhadores (PT) participaram da assembléia. A presidente da Comissão de Educação e Saúde da Câmara Legisla-

tiva, deputada Arlete Sampaio (PT), explica que a categoria apresentou a pauta de reivindicações 110 dias antes da greve, mas o GDF só decidiu negociar às vésperas da paralisação. "A responsabilidade da greve é do governo, que não apresentou contrapropostas."

Adesão

Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, as professoras receberam rosas. A data da assembléia foi escolhida porque as mulheres representam quase 80% do quadro de servidores da educação. Com a movimentação intensa na área do estádio, o

trânsito ficou complicado no Eixo Monumental durante toda a manhã. "Essa é uma das assembléias com maior adesão da categoria", comemorava Antônio Lisboa. Nos últimos dois meses, o sindicato gastou cerca de R\$ 300 mil com publicidade, clamando a categoria a participar da assembléia.

Entre os principais itens da pauta de reivindicações dos professores está o reajuste salarial de 18%. A criação de planos de habitação e de saúde para a categoria também consta entre as exigências. Mas o ponto de maior discordância entre o governo e os professores é a gestão

democrática defendida pelo Sinpro. O governo não abre mão da prerrogativa de indicar os diretores de escolas e regionais de ensino e os docentes exigem eleições diretas para os cargos.

A partir de hoje, os professores prometem realizar piquetes em várias escolas, além de assembléias regionais para discutir a paralisação. Na próxima terça-feira, dia 15, a categoria se reúne às 9h30 para uma nova assembléia geral.

Vários estudantes participaram da reunião de ontem. A maioria se mostrou contra a greve. Os alunos estão preocupados

com os dias de aula perdidos com a paralisação. Diego Fernandes, de 19 anos, aluno do 3º ano do Centro de Ensino Médio de Santa Maria, teme ser prejudicado às vésperas do vestibular. "As reposições nunca são com aulas. Geralmente jogamos bolas ou assistimos a filmes", reclama o jovem. A estudante Gabriela Elmokdisi, 13, é aluna do Centro Educacional Polivalente, na Asa Sul. Com o rosto pintado e levantando cartazes, ela decidiu apoiar o movimento dos professores. "Seremos prejudicados, mas a greve é pela melhoria do ensino público", justifica.

IMPASSE

O que os professores exigem

- ✓ Reajuste salarial de 18%
- ✓ Plano de saúde pago pelo GDF
- ✓ Programa de habitação
- ✓ Eleição direta para a direção de escolas e regionais de ensino
- ✓ Auxílio-alimentação de R\$ 470
- ✓ Pagamento de atrasados
- ✓ Contratação de professores concursados

O que o GDF ofereceu

- ✓ O governo argumenta que os professores terão reajuste de 17% em março e em setembro deste ano, de acordo com o Plano de Carreira
- ✓ O GDF pediu que o Sindicato apresentasse uma proposta para a criação do plano de saúde
- ✓ O governo se comprometeu a revisar a lei que trata da compra de imóveis por servidores público
- ✓ A eleição direta para os cargos de direção de escola é inconstitucional, segundo o GDF
- ✓ O aumento do auxílio-refeição é inviável, de acordo com o governo, pois resultaria em uma despesa adicional de R\$ 127 milhões por ano
- ✓ O governo liberou R\$ 11 milhões nos últimos dias para o pagamento dos atrasados
- ✓ O GDF contratou 300 novos professores concursados este mês